

**B  
I  
B  
L  
I  
O  
T  
E  
C  
O  
N  
O  
M  
I  
A**



# ENSINAR A PENSAR: uma atividade da biblioteca escolar\*

ITÁLIA MARIA FALCETA DA SILVEIRA\*\*

**RESUMO:** apresenta exemplificação sobre a utilização das categorias de pensamento, propostas por Louis Raths e seus colaboradores, como situação de aprendizagem da biblioteca escolar para crianças do jardim da infância e primeiras séries do primeiro grau.

**PALAVRAS - CHAVE:** Atividades para pensar  
Hora do Conto  
Formação de Leitores

**ABSTRACT:** This article exemplifies the use of cognitive categories, as proposed by Louis Raths and his colleagues, as learning opportunities in school libraries for children in kindergarten and in the first series of primary school.

**KEY-WORDS:** Cognitive activities  
Readers education  
Storytelling hour

---

\* Extrato da Dissertação de Mestrado em Educação pela PUCRS.

\*\* Professora Adjunta do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFRGS, Mestre em Educação pela PUCRS.

## 1 INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é exemplificar os efeitos que as categorias de pensamento propostas por Louis Rathes e seus colaboradores causam no comportamento de alunos de séries iniciais. Trata-se de um estudo que utiliza a Hora do Conto. Esta é uma atividade da biblioteca escolar, oferecida sistematicamente no atendimento às crianças, principalmente as não alfabetizadas. Nas bibliotecas que atendem ao público infantil, a Hora do Conto é uma atividade em que as crianças ficam em maior contato com a pessoa que é encarregada desta atividade, sendo um dos meios mais simples de estabelecer uma corrente de confiança entre as crianças e o narrador.

Existem muitas técnicas para realizar uma Hora do Conto, desde o simples relato de uma história até o uso de recursos mais sofisticados. Esta é uma das razões da escolha desta atividade, para exercitar o pensamento, pois ensinar a pensar, através de técnicas adequadas, entende-se que possa contribuir para que as crianças desenvolvam maior habilidade para resolver problemas ligados às necessidades humanas.

Acredita-se que, tão logo a criança inicie na Escola, estas atividades deverão ser planejadas para que a biblioteca escolar faça parte integrante do dia-a-dia do aluno. É neste momento que devemos prepará-lo para sua maior familiaridade com os livros e demais materiais que estarão a sua disposição.

Na afirmação de Rathes (1972, p.123), "as crianças que têm muitas oportunidades para pensar, apresentam mudanças positivas em seu comportamento".

A integração efetiva da biblioteca escolar, dentro do sistema educativo, se dará na medida em que houver correspondência entre a demanda da escola e a oferta da biblioteca. Só logrará êxito se for utilizada convenientemente e se houver o aproveitamento adequado das informações coletadas. É preciso, portanto, que as informações estejam organizadas e acessíveis para que exista o elo entre a produção e a atualização do conhecimento.

Vale lembrar que é função do profissional bibliotecário a organização da biblioteca escolar, passando pelas etapas de coleta e aquisição do material bibliográfico, processamento técnico, armazenamento e disseminação do mesmo. O sucesso de qualquer programa a ser desenvolvido está na dependência direta da participação do bibliotecário em reuniões de estudo em torno do currículo, de procedimentos didáticos, decisões administrativas e outras práticas escolares. Além destas atribuições, este profissional não pode esquecer o interesse e o respeito que lhe merece o usuário. A ajuda ao aluno, encorajando-o e orientando-o a avaliar crítica e objetivamente a sua aprendizagem, é uma das muitas tarefas concernentes ao bibliotecário.

A leitura é uma forma especial de aprendizagem. É um dos meios mais eficientes para desenvolver a linguagem e a personalidade. O ato de ler não representa somente

o meio de receber uma mensagem, mas um processo mental de muitos níveis, contribuindo para o desenvolvimento intelectual.

O valor da comunicação, através da linguagem escrita, tem sido amplamente defendido, uma vez que já se constatou sua utilidade para que ocorra uma aprendizagem mais satisfatória.

O desejo de aprender a ler e saber o que há nos livros, geralmente, existe nas crianças. Compete à escola desenvolvê-lo e mantê-lo. Na biblioteca escolar é possível incentivar o hábito da leitura, desde que sejam oferecidas atividades atraentes para que os alunos se sintam à vontade e gostem de frequentá-la. A seleção dos documentos a serem oferecidos deve estar condicionada aos hábitos, à idade, ao contexto sócio-cultural e aos interesses dos frequentadores.

## 2 A BIBLIOTECA E A FORMAÇÃO DE LEITORES

A literatura infantil, tem-se observado, é fundamental para a formação da criança. Ler e contar histórias é uma boa forma de desenvolver o gosto pela fantasia, incentivando aspectos que dizem respeito ao seu potencial criativo.

O gosto literário da criança pode ser estimulado desde que se introduza o livro, desde cedo, nas suas brincadeiras. Quando a criança ainda não lê, é bom que alguém lhe conte histórias. Poderá ser o primeiro passo para mais tarde se gostar de literatura.

A leitura de imagens pode ser o início do trabalho com o grupo de futuros leitores; aí, começa a aumentar o interesse pelo livro como objeto de lazer e encantamento. O interesse das crianças vai crescendo até o momento em que elas perguntam pela história. O entusiasmo do adulto, ao estimular o gosto literário das crianças, é fator importante a considerar.

A criança, no início da alfabetização, está na fase de racionalização da realidade. A presença do adulto é importante, como agente estimulador, para ajudar a decodificar os sinais gráficos e levá-la a descobrir que sozinha poderá se comunicar com o mundo da escrita.

Observa-se que a criança desta faixa etária já estabelece sentimentos morais e sociais de cooperação. Nos brinquedos aprecia os jogos coletivos e começa a formar grupos homogêneos com interesses especiais e objetivos. Quanto à leitura, tenta fazê-la espontânea, em que o interesse desloca-se para o argumento.

A seleção de histórias para serem oferecidas na Hora do Conto segue alguns critérios que são básicos. A estrutura da narrativa é bom que seja linear. Desaconselham-se as efabulações, comuns na ficção moderna. O conto foi feito para interessar de modo progressivo. A ação deve ser ininterrupta e crescente para se desenvolver com

presteza e terminar com um final efetivo. A criança, intelectualmente imatura, tem dificuldades para seguir as seqüências que não se apresentam claras e lógicas.

Os contos de fadas, que por muito tempo foram criticados devido aos aspectos de violência, hoje parecem estar reabilitados, porque é inevitável que a criança tome conhecimento de personagens violentos e maus no seu cotidiano. Sabe-se que os contos de fadas proporcionam às crianças respostas aos seus conflitos, sugerindo-lhes soluções benéficas ao seu amadurecimento.

Os contos de fadas dirigem a criança para a descoberta de sua própria identidade e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Eles alimentam a imaginação e estimulam as fantasias, pois nem todos os nossos desejos podem ser satisfeitos através da realidade. Daí a importância da fantasia como recurso adaptativo. Na seleção de histórias para serem oferecidas na Hora do Conto, é importante incluir os contos de fadas.

A leitura não só desperta na criança o gosto pelos bons livros e pelo hábito de ler, como, também, contribui para despertar a valorização exata das coisas, desenvolver suas potencialidades, estimular sua curiosidade, inquietar-se por tudo que é novo, ampliar seus horizontes e progredir.

Ler histórias para as crianças é uma atividade de rotina em qualquer biblioteca infantil ou escolar. É importante a cumplicidade da criança e do contador de histórias, do ponto de vista afetivo, porque a ilustração e o texto ajudam o acesso ao mundo dos adultos. Usa-se também a técnica da narrativa, muito defendida por alguns autores. Para que esta tarefa tenha êxito é necessário um preparo prévio da pessoa que vai ministrá-la. O contato da criança com o livro necessita ser compartilhado com alguém que o aprecie.

Ao encarregado desta tarefa sugere-se levar em conta alguns princípios elementares requeridos, como: extensão da narrativa, (de acordo com a idade das crianças), suspense; inflexão da voz; linguagem a ser usada; gestos; atenção dos ouvintes; escolha do tema; lugar da reunião e demais recursos para conseguir o clima adequado.

Arejando o espírito, ajudando a criança a compreender seus próprios problemas, estimulando a imaginação, promovendo o desenvolvimento lingüístico, suscitando o gosto pelas boas leituras e recreando, o bibliotecário escolar centra seu trabalho num aspecto essencialmente educativo, cumprindo uma função de importância relevante, a busca do leitor, pois é a biblioteca que muitas vezes deve ir ao encontro dele. A biblioteca é uma das forças educativas mais poderosas de que dispõem estudantes, professores e pesquisadores. O aluno deve investigar, e a biblioteca é centro de investigação tanto como o é um laboratório. O desejo de descobrir o que há nos livros, geralmente, existe nas crianças. A escola deve desenvolvê-lo, utilizando os espaços da biblioteca.

### 3 APRENDER PENSANDO

São as seguintes as categorias de pensamento sugeridas por Louis Raths (1972) e seu colaboradores: observação e descrição, resumo, comparação, imaginação e criação, interpretação e classificação.

#### QUADRO I

Características de pensamento no enfoque de Raths e suas implicações educacionais.

CATEGORIAS DE RATHS	INDICADORES
Observação e Descrição	São atividades planejadas para proporcionar prática em notar e descrever. Estas tarefas podem exigir que se percebam e descrevam objetos, condições, minúcias, etc. Ensinar a pensar no sentido de fazer diferença entre fato e interferência.
Resumo	Ajudar as crianças a descrever apenas os fatos essenciais. Discernir o que é significativo e o que não é.
Comparação	Orientar a verificação de diferenças entre o que é verdade e o que é suposto ser verdade.
Imaginação e Criação	Exercitar a possibilidade de ter algum tipo de idéia sobre alguma coisa que não está presente. Fazer com que se perceba o que é novo e diferente.
Interpretação	São atividades que devem oportunizar o uso de restrições, como: talvez, é possível, provavelmente, parece que, etc. Exercitar generalizações e interferências.
Classificação	Classificar é dar ordem à existência. Exige análise e síntese. Supõe agrupamento de dados de acordo com determinado critério. Pode ser considerada como extensão da comparação, pois evidencia-se semelhanças e diferenças.

As operações de pensamento que são sugeridas contêm muitas idéias que podem ser utilizadas para acentuar o pensamento:

*Comparação* - Qualquer assunto apresenta muitas possibilidades para comparação. Procura-se estabelecer com a comparação as semelhanças e as diferenças entre duas coisas ou fatos. É preciso que não se confundam os termos igualar e comparar. Quando igualam-se as coisas, diz-se que são iguais ou idênticas; focalizam-se as semelhanças. Quando, no entanto, se compara, diz-se que há semelhanças e diferenças; focalizam-se as duas coisas.

Atividades de aplicação sugeridas (Raths, 1972, p. 61):

- a) Comparar duas histórias contadas;
- b) Comparar personagens de histórias, como: o Urso Pai e o Urso Bebê, em Três Ursos;
- c) Comparar dois dos Três Porquinhos;
- d) Comparar animais selvagens e animais domésticos.

*Observação* - Utilizando a observação parece que a criança realiza uma razoável aprendizagem, em função de si mesma e a seus fins imediatos. Segundo alguns pesquisadores, na observação, os indivíduos, em geral, consideram as coisas e os seres segundo a utilidade que possam ter para ele. A pessoa observadora não é a que vê o que os outros já viram, mas aquela que, em objetos familiares, enxerga aquilo que ninguém viu antes.

Observar é uma forma de descobrir informações. Nossas percepções recebem influências de experiências anteriores, que incluem conhecimento adquirido, hábitos de pensamento, uma tendência para ver o todo, e não partes. A percepção pelos sentidos, embora imperfeita, é nossa base de conhecimento.

Os alunos devem discernir o que é observável por outros e o que acrescenta à situação, isto é, sua interpretação. Em resumo devem notar diferenças entre *fato* e *opinião*.

Quando se solicita às crianças que façam observações, em certo sentido pede-se que obtenham informações de formas diferentes. Ao oferecer às crianças experiência de observação, devem-se planejar atividades para proporcionar-lhes práticas em notar e descrever. Essas tarefas podem exigir que notem e descrevam objetos, condições, acontecimentos, minúcias.

Algumas tarefas de aplicação sugeridas por Raths (1972, p. 59):

- a) Mostrar uma ilustração, de um livro, pedindo às crianças que indiquem todas as coisas que vêem;
- b) Pedir às crianças que olhem pela janela, pedindo-lhes que descrevam o que vêem;



c) Pedir às crianças que descrevam o que viram no caminho para casa.

*Resumo* - É possível resumir de diversas maneiras. Essencial é conseguir enumerar as partes principais, ou seja, as grandes idéias, sem a perda de aspectos importantes. Algumas pessoas podem precisar de auxílio para este tipo de tarefa.

O resumo exige pensamento, pois é necessário achar a substância do que é apresentado, o núcleo do assunto. Resumir é mais do que contar e descrever o que aconteceu. É discernir e avaliar o que é significativo e o que não é. Exige uma decisão quanto ao que deve ser deixado de lado e o que deve permanecer. Resumir é reunir em síntese as idéias principais.

Tarefas de aplicação (Raths, 1972, p.68):

- a) Pedir às crianças que resumam uma história;
- b) Pedir às crianças que pensem em um título para a história que lhes foi contada;
- c) Pedir às crianças que desenhem, numa seqüência de quatro figuras, os principais acontecimentos de uma história.

*Imaginação e criação* - Imaginar é perceber, mentalmente, o que não foi totalmente percebido. Imaginar e criar é exercitar a possibilidade de ter algum tipo de idéia sobre alguma coisa que não está presente. Requer originalidade e liberação da fantasia. Todos podem participar com muito entusiasmo, porque são poucas as restrições que se possa fazer para esta atividade.

Aplicação (Raths, 1972, p.82):

- a) Como vocês se sentiriam se fossem a Cinderela?
- b) O que vocês fariam se ficassem perdidos na floresta?
- c) O que vocês fariam se pudessem ficar invisíveis?

*Interpretação* - Interpretar supõe ler nas entrelinhas, preencher e acrescentar sentido a determinado material e ampliar o seu conteúdo. Esta operação refere-se a inferências e generalizações que podem ser feitas a partir de descrições.

Para que se faça inferências a partir de ilustrações e fatos, precisa-se usar algumas restrições, tais como: *talvez, é possível, aparentemente, parece que...*

Tarefas de aplicação adaptadas das sugestões dos autores:

. Olhem para o céu.

Perguntar: Vocês podem dizer qual a cor do céu?

Vocês podem dizer se está frio?

Vocês podem dizer se vai chover?

. Mostrar um livro novo.

Perguntar: Vocês podem dizer se esta história é engraçada?

Vocês podem dizer se esta história fala de peixes?

Vocês podem dizer se esta história é boa?

*Classificação:* Classificar é organizar dados ou informações de acordo com algum objetivo. Desde cedo as crianças são expostas a sistemas de classificação, pois até as roupas têm seus agrupamentos: roupas para brincar, roupas para passear, roupas de inverno, roupas de verão. Classificar estimula as crianças a ver a ordem de seu mundo, a pensar sozinha, a procurar conclusões próprias.

Algumas atividades que podem ser desenvolvidas

Classificar:

- a) Livros na biblioteca;
- b) Histórias que as crianças já ouviram;
- c) Palavras do vocabulário;
- d) Animais;
- e) Árvores.

## QUADRO 2

### Síntese do Contexto Conceitual

#### *BIBLIOTECA ESCOLAR: UMA REALIDADE DESAFIADORA*

IDÉIAS: - O desejo de descobrir o que há nos livros, geralmente, existe nas crianças. A escola deve desenvolvê-lo, utilizando os espaços da Biblioteca.

- Na Biblioteca Escolar a criança pode exercitar sua independência na seleção de suas leituras.

- O atendimento do bibliotecário ao não leitor e ao leitor iniciante parece ser fundamental para a conquista do futuro usuário.

AUTORES: ARAÚJO, Aloma B.N.

CARVALHO, Maria C.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS - OEA

YUSPA, Ilda Nelly

RESUMO: Verifica-se que o sucesso da Biblioteca está na sua dinamização e nos serviços que presta aos usuários.

#### *A HORA DO CONTO E A FORMAÇÃO DE LEITORES*

IDÉIAS: - A criança que ouve e aprecia histórias, desde cedo, provavelmente, gostará de literatura.

- O contato da criança com o livro necessita ser compartilhado com alguém que o aprecie.

- Para a criança não importa se as histórias são reais ou fantásticas. Esta é uma questão do adulto.

- Os contos de fadas estimulam a fantasia enquanto respondem aos conflitos e favorecem o amadurecimento da criança.

AUTORES: BETTELHEIM, Bruno  
CASASANTA, Tereza  
COELHO, Nelly Novaes  
KRAMER, Jeanette M.  
MEIRELLES, Cecília  
MOSQUERA, Juan J.M.  
PERROTTI, Edmir  
SANDRONI, Laura Constanca  
WERNECK, Regina Yolanda

RESUMO: A narração de contos é um verdadeiro trabalho docente, objetivando despertar a imaginação da criança, chamar sua atenção e seu interesse, para que mais tarde vá em busca dos livros.

#### *A ESCOLA ENSINA A PENSAR?*

IDÉIAS: - A escola ao centrar seus objetivos no conhecimento descuidou do cultivo da sensibilidade.

- O conhecimento é tratado como se fosse um conteúdo na maioria das escolas.

- Em grande número de escolas, os alunos limitam-se a armazenar conhecimentos, sem elaborar algo novo.

- Quando o professor não está conseguindo auxiliar os alunos a descobrir e a aprender, pode significar que o professor precise exercitar sua consciência crítica e inovar.

AUTORES: BERMAN, Louise M.  
CARRAHER, Terezinha N.  
CRUTCHFIELD, Richard  
DEWEY, John  
LOUWVENFELD, Viktor  
RATHS, Louis  
RUSSEL, David H.  
STERBERG, Robert

RESUMO: Uma das maneiras de melhorar os métodos de instrução é usar o pensamento.

#### *APRENDER PENSANDO: CARACTERÍSTICAS DE PENSAMENTO NO ENFOQUE DE RATHS..*

IDÉIAS: - Quando existem oportunidades para exercitar o pensamento, a frequência de comportamento impulsivo tende a diminuir.

- A frequência de atividades de pensamento poderá contribuir para o crescimento e satisfação da pessoa.

- Quando se trabalha com o pensamento as mudanças ocorrem naturalmente, sem cobranças.

- O professor deve assumir a responsabilidade pela apresentação de experiências de pensamento aos seus alunos.

AUTOR: RATHS, Louis et al.

RESUMO: "A escola deve ser o lugar para pensar e não para descobrir o que os outros pensaram."

## 4 ABRINDO CAMINHO PARA O PENSAMENTO

A frequência de atividades de pensamento poderá contribuir para o crescimento e a satisfação da pessoa. Quando se trabalha com o pensamento, as mudanças ocorrem naturalmente, sem cobranças, enfatiza Rath (1972).

Sugere-se, a seguir, algumas histórias e os procedimentos para fins de exemplificação, que estão organizados sob o título de:

### 4.1 Era uma vez ...

#### 4.1.1 O Lobo e os sete cabritinhos

Jakob e Wilhelm Grimm

*Era uma vez uma cabra que tinha sete cabritinhos. Ela os amava com todo o amor que as mães sentem por seus filhinhos. Um dia, ela teve que ir à floresta em busca de alimento. Então, chamou os cabritinhos e lhes disse:*

*- Queridos filhinhos, preciso ir à floresta. Tenham muito cuidado por causa do lobo. Se ele entrar aqui, vai devorá-los todos. É seu costume disfarçar-se, mas vocês o reconhecerão pela sua voz rouca e por suas patas pretas.*

*Os cabritinhos responderem:*

*- Querida mãezinha, pode ir descansada, pois teremos muito cuidado. A cabra baliu e foi andando despreocupada.*

*Não se passou muito tempo e alguém bateu à porta dizendo:*

*- Abram a porta, queridos filhinhos. A mamãe está aqui e trouxe uma coisa para cada um de vocês.*

*Os cabritinhos perceberam logo que era lobo, por causa de sua voz rouca, e responderem:*

*Não abriremos a porta, não. Você não é nossa mãezinha. Ela tem uma voz macia e agradável. A sua é rouca. Você é lobo.*

*O lobo foi à padaria e disse ao padeiro:*

*- Tenho as patas feridas. Preciso esfregá-las com um pouco de farinha.*

*O padeiro pensou consigo mesmo: "o lobo está querendo enganar alguém".*

*E recusou-se a fazer o que ele pedia. O lobo, porém, ameaçou devorá-lo e o padeiro, com medo, esfregou-lhe bastante farinha nas patas.*

*Meus filhinhos, abram a porta. A mãezinha já está aqui, de volta da floresta, e trouxe uma coisa para cada um de vocês.*

*Os cabritinhos disseram:*

- Primeiro, mostre-nos suas patas, para vermos se você é mesmo a nossa mãezinha.

O lobo pôs as patas na janela e, quando eles viram que eram brancas, acreditaram e abriram a porta.

Mas, que surpresa! Ficaram apavorados quando viram o lobo entrar. procuraram esconder-se depressa. Um entrou debaixo da mesa; outro meteu-se na cama; o terceiro entrou no fogão; o quarto escondeu-se na cozinha; o quinto, dentro do guarda-louça; o sexto, embaixo de uma tina, e o sétimo, na caixa do relógio. O lobo foi achando e comendo, um a um. Só escapou o mais moço, que estava na caixa do relógio.

Quando satisfez o seu apetite, saiu e, mais adiante, deitou-se num gramado. Daí a pouco pegou no sono.

Momentos depois, a cabra voltou da floresta. Que tristeza a esperava! A porta escancarada. A mesa, as cadeiras e os bancos, jogados pelo chão. As cobertas e os travesseiros, fora das camas. Ela procurou os filhinhos, mas não os achou. Chamou-os pelos nomes, mas não responderam. Afinal, quando chamou o mais moço, uma vozinha muito sumida respondeu:

- Mãezinha querida, estou aqui no relógio.

Ela o tirou de lá e ele lhe contou tudo o que havia acontecido. Agora, crianças, vocês bem podem imaginar como a pobre cabra chorou ao pensar no triste fim de seus filhinhos!

Depois de algum tempo, ela saiu e foi andando pela redondeza. O cabritinho acompanhou-a.

Quando chegaram ao gramado, viram o lobo dormindo, debaixo de uma árvore. Ele roncava tanto que os galhos da árvore balançavam, a cabra reparou que alguma coisa se movia dentro da barriga do lobo.

- Oh! Será possível que meus filhinhos ainda estejam vivos? pensou ela falando alto.

Então, o cabritinho correu até sua casa e trouxe uma tesoura, agulha e linha.

Mal a cabra fez um corte na barriga do monstro, um cabritinho pôs a cabeça de fora. Ela cortou mais um pouco e seis saltaram fora, um a um.

Como ficaram contentes! Cada qual queria abraçar mais a mamãe. Ela também estava radiante, contudo, precisava acabar a operação antes que o lobo acordasse. Mandou que os cabritos procurassem umas pedras grandes. Quando eles as trouxeram, ela as colocou dentro da barriga do bicho e coseu-a rapidamente. Daí a momentos, o lobo acordou. Como sentisse muita sede, levantou-se para beber água no poço. Quando começou a andar, as pedras bateram, umas de encontro às outras, fazendo um barulho esquisito. O lobo pôs-se a pensar:

*“Estavam bem gostosinhos  
Os cabritos que comi.  
Mas depois, que coisa estranha!  
Que enorme peso senti”.*  
*Quando chegou ao poço e se debruçou para beber água, com o peso  
das pedras, caiu lá dentro e morreu afogado.*  
*Os cabritinhos, ao saberem da boa notícia, correram e foram dançar,  
junto ao poço, cantando todos ao mesmo tempo:*  
*“Podemos viver,  
Sem ter mais cuidado  
O lobo morreu afogado”.*

## PROCEDIMENTOS PARA PROVOCAR PENSAMENTO

Depois do conto, pode ser solicitado às crianças que, ao voltarem para casa, *observem* quantas pessoas usam sapatos brancos (aproveitando o tema das patas brancas do lobo). Nesse trabalho, além do *exercício de observação*, as crianças podem comparar o que observam. É importante que a pessoa que coordena a atividade mantenha uma atitude de neutralidade, sem aplaudir os melhores desempenhos e sem dar reforço negativo aos que têm pouco ou nenhum êxito. Por isso é importante considerar quando se trabalha com as crianças e o pensamento, que algumas vezes ocorrem esquecimentos ou alguém observa um número reduzido do objetivo proposto. É importante deixá-las explicar os motivos de como realizam determinadas tarefas.

A atividade reflexiva não é um jogo para avaliar quem perde ou ganha. Todos são privilegiados ao participar das atividades.

### 4.1.2 Garmi e o sol

*O galo Garmi acordou de madrugada. Estava escuro, escuro... Garmi  
subiu na cerca mais alta, levantou bem a cabeça e começou a gritar bem alto:*  
*- Có-có-ri-có! Có-có-ri-có!*  
*Mas o sol não apareceu:*  
*Garmi pensou:*  
*- Com certeza o sol não escutou. Vou gritar mais alto. E gritou  
com toda a força:*  
*- Có-có-ri-có! Có-có-ri-có!*  
*Então ... devagarinho, devagarinho, o sol começou a aparecer lá  
longe.*

- *Que maravilhoso! disse o galo. Como eu sou formidável! Eu sou capaz de acordar o sol! Que maravilha!*

*Depois disso, Garni levantou bem a cabeça e começou a andar pelo terreiro, todo importante.*

*As galinhas perguntaram:*

- *Garni, por que você está assim tão orgulhoso?*

- *Porque eu sou capaz de acordar o sol, respondeu o galo.*

- *Ora! Não diga bobagens, Garni. Ninguém pode acreditar nisso, disse a galinha velha.*

*Não acreditam? Pois amanhã de madrugada vocês acordem e verão.*

*Vocês verão que eu acordo o sol com os meus gritos.*

*Na madrugada seguinte todas as galinhas acordaram de madrugada.*

*E o galo começou:*

*Có-có-ri-có! Có-có-ri-có!*

*De repente... devagarinho, devagarinho o sol começou a aparecer lá longe.*

*Que maravilha! disseram as galinhas em coro. O sol se levantou! O sol se levantou! Garni é mesmo capaz de acordar o sol.*

*E daquele dia em diante o galo só anda de cabeça em pé e todas as madrugadas ele sobe na cerca mais alta para acordar o sol.*

## ATIVIDADE DE PENSAMENTO

Com esta história, procura-se desenvolver três atividades de pensamento: resumo, interpretação e observação. O objetivo do resumo é a captação do que há de mais importante, assim como dos pormenores. Quanto à observação, as crianças têm a oportunidade de distinguir o que é fato e inferência; o que é verdadeiro e o que parece ser.

Após a narração da história, pode-se perguntar às crianças o que elas gostariam de repetir, resumidamente. Visando encorajá-las, poderá se propor certa ajuda. Feito isso, procura-se desenvolver com as crianças o sentido do essencial e do acessório, de modo que refiram no conto o que pode ser ou não retirado. Por exemplo: o galo, o sol, o canto e a madrugada são essenciais na história. Por outro lado, as galinhas podem ser substituídas por outros animais; o terreiro, por floresta, rua por casa; a cerca alta, por árvores, poleiros, etc.

Logo após a narrativa podem ser feitas perguntas que objetivam conduzir os alunos à percepção do que é e do que pode ser verdadeiro. Desta forma, pergunta-se: - o sol aparece todos os dias? As crianças podem observar que o sol não aparece quando chove. Portanto, *geralmente* aparece, menos nos dias de chuva.

- Outra pergunta: - O galo canta sempre de madrugada?  
Ainda outra: - O sol aparece sempre de madrugada?  
- O sol apareceria num dia sem chuva, mesmo sem o galo cantar?  
- O galo cantaria, mesmo sem o sol aparecer de madrugada?

#### 4.1.3 Conto de todas as cores

Mário Quintana

*Eu já escrevi um conto azul, vários até.  
Mas este agora é um conto de todas as cores.  
Sim, porque era uma vez  
    uma menina verde  
    um menino azul  
    um negrinho dourado  
e um cachorro com todos os tons e entretons do arco-íris.  
Até que,  
devidamente nomeada pelo Senhor Prefeito  
veio ao seu encontro uma Comissão de Doutores.*

*- todos eles de preto, todos eles de barbas, todos eles de óculos.  
E, por mais que cheirassem e esfregassem os nossos quatro amigos,  
viram que não adiantava nada e puseram-se gravemente a discutir  
se aquilo poderia ser mesmo de nascença ou...  
- Mas nós não nascemos - interrompeu o cachorro - nós  
fomos  
inventados!*

#### ATIVIDADE DE PENSAMENTO

Pode-se programar para a Hora do Conto, a leitura da poesia de Mário Quintana *Conto de todas as cores*, propondo-se como atividades de pensamento o *resumo* e a *imaginação*. Para a atividade de *resumo*, o objetivo é o de encontrar um ou mais títulos para o poema.

Quanto à atividade *imaginação*, tem-se como objetivo desenvolver a fantasia das crianças, o que as diverte bastante.

Elas podem imaginar como se sentiriam se fossem personagens do poema: menina verde, menino azul, cachorro das cores do arco-íris.



Para isto, pode-se perguntar ao grupo:

- Como vocês se sentiriam se fossem...?
- Como é que vocês gostariam de ser?

Para a identificação da idéia principal de um texto, é importante que se exercite a habilidade de compreender e resumir o enredo geral de uma passagem. Outra maneira de se treinar a capacidade de resumir é perceber a seqüência dos fatos de uma história ou de um trecho. Dar um título a uma história é uma atividade que pode desenvolver a habilidade de resumir. Pode-se, também, trocar o título de um conto por outros mais adequados.

*Inventar* é uma palavra mágica para a criança. É possível brincar infinitamente com a imaginação, ao utilizar a possibilidade de fantasiar, criando um final diferente para um conto. Torna-se divertido observar como as crianças conseguem transformar-se quando se sentem os próprios personagens da história.

#### 4.1.4 Vamos brincar de inventar?

Uma das tarefas que é muito apreciada pelas crianças é a *imaginação*,

Solicita-se que todos fiquem bem quietinhos, deem a cabeça sobre os braços e se preparem para pensar naquilo que lhes vier à mente. A contadora de história, com voz pausada e clara, enuncia algumas palavras, previamente escolhidas.

Exemplificando:

água - campo - árvore - sol - criança

Aguarda-se alguns segundos para que, espontaneamente, as narrativas comecem a acontecer. Nas primeiras vezes em que se utiliza esta técnica, as reações podem ser um pouco contidas. Com o passar do tempo é cada vez maior o número de crianças que desejam expressar suas idéias, seus pensamentos. O papel do adulto, nestes momentos, é o de mediador sem, entretanto, opinar. Há oportunidades em que se torna difícil manter o grupo. Geralmente há interferência de outras crianças na história que está sendo apresentada e observa-se que algumas vezes, o narrador adapta sua interpretação às idéias que estão sendo sugeridas, formando verdadeiros contos ou poemas em conjunto. É uma ocasião em que se consegue estimular verdadeiramente a criatividade e a imaginação.

#### 4.1.5 A Chácara do Chico Bolacha

Cecília Meirelles

*Na chácara do Chico Bolacha  
o que se procura  
nunca se acha!*

*Quando chove muito,  
o Chico brinca de barco  
porque a chácara vira charco.*

*Quando não chove nada,  
Chico trabalha com a enxada  
e logo se machuca  
e fica de mão inchada.*

*Por isso, com o Chico Bolacha,  
o que se procura  
nunca se acha.*

*Dizem que a chácara do Chico  
só tem mesmo chuchu  
e um cachorrinho coxo  
que se chama Caxambu.*

*Outras coisas, ninguém procura  
porque não acha.  
Coitado do Chico Bolacha!*

#### ATIVIDADE DE PENSAMENTO

A escolha deste texto para a apresentação às crianças tem o objetivo de, através do elemento lúdico, representado pelas imagens e pelos sons, fazer com que elas sintam os valores estéticos. No primeiro contato com o poema, graças à fantasia, ao encanto da aliteração de alguns grafemas e à combinação de palavras que fluem num jogo de rimas, pode-se conseguir criar, com as crianças, um clima emocional muito favorável para treinar o pensamento. A função cognoscitiva da rima parece justificar o prazer que as crianças sentem nela, possivelmente maior que seu efeito gratificante de repetir o som.

Aos grupos pode-se solicitar a *repetição* ou *recitação* do poema e ou de alguns versos, em coro, junto com a narrativa.

Neste encontro não precisam ser programadas atividades para pensar, pois o poema de Cecília Meireles trabalha com o ilogismo, revitalizando a palavra, o que lhe dá um tratamento mágico, através da imagem. O próprio texto representa uma brincadeira alegre, que estimula a sensibilidade perceptiva. Pode-se perguntar:

- O que vocês fariam quando encontrassem um charco depois da chuva?

O exercício da *imaginação* pode ser o seguinte:

- O que se poderia fazer na chácara do Chico Bolacha quando ele vira charco?

- Pode fazer panelinhas, bonecos, bolinhas, canecos... o que mais?

Pode-se ir anotando as imagens que brotam naturalmente e ir construindo com as crianças um *metapoema*.

É possível observar se que o grupo, como um todo, pode recriar um manancial de possibilidades e variedades ilimitadas de idéias, liderado, naturalmente, por algumas crianças mais criativas.

Graças à magia dos valores estéticos consegue-se criar, no grupo de crianças, um clima poético favorável ao exercício da recitação em coro, tão agradável ao gosto infantil.

O desejo que a criança possui de explicar, por analogia, todas as coisas que realiza, acomodando sua experiência de vida dentro de esquemas que ela mesma cria é, muitas vezes, desconcertante.

É inegável que as experiências da criança de agora habilitam-na a fazer as coisas diferentes e, possivelmente, realizar operações mais complexas. Porém, a alma ingênua e simples parece ser a característica da infância de qualquer época, desde que se oportunizem situações em que ela possa expressar seus sentimentos e exercitar o seu pensar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

- O emprego de estratégias que propiciem atividades de pensamento pode favorecer um melhor desempenho dos alunos no processo ensino-aprendizagem. Em decorrência fica evidente que o oferecimento de atividades para pensar pode oportunizar mudanças significativas nas crianças, porém, se quisermos ensinar a *pensar*, devemos primeiro ensinar a *inventar*.

- É preciso que a criança, para alimentar sua imaginação e, conseqüentemente, alargar seus horizontes, fortalecendo suas estruturas, possa crescer em ambiente abundante de estímulos e impulsos favoráveis. Isto poderá ocorrer oferecendo-lhe oportunidades para pensar e exercitar o pensamento. Ensinar a pensar poderia ser

proposto pela escola, em todos os níveis, a todas as pessoas, nos diferentes locais do país. O povo, de um modo geral de baixo poder aquisitivo, não tem acesso à cultura e, conseqüentemente, ao livro. Cabe às bibliotecas públicas e escolares a tarefa de suprir esta lacuna, não só pela aquisição do material bibliográfico como também pela busca de formas de sensibilizar e atrair a clientela. Se a criança se habitua com livros desde a primeira idade, se ouve contos e aprecia sua forma e conteúdo, é provável que, mais tarde, vá ao encontro desses para continuar sua vivência e satisfação experimentados anteriormente. É necessário planejar e colocar em prática novos métodos para que a leitura seja, ao mesmo tempo, uma experiência agradável e uma abertura para o conhecimento. A biblioteca escolar pode favorecer, através dos serviços que presta, a prática desses métodos. A Hora do Conto é uma das atividades realizadas com a finalidade de despertar nas crianças o interesse maior para explorar o mundo mágico da leitura.

Desde cedo a criança pergunta muito, questiona tudo que aparece, porque está deslumbrada com o cotidiano. Raramente a atitude dos adultos é a de incentivar essa habilidade e o gosto pela exploração. O professor precisa oportunizar condições desafiadoras para que tanto ele próprio como o aluno consigam desempenhar-se satisfatoriamente e encontrar soluções originais e criativas para solucionar problemas que venham a surgir.

Estudos têm apontado que, em nossas escolas, o objetivo é unicamente o ensino de conteúdos. Percebe-se que o aluno, desde o início de sua vida escolar, já espera prontas as respostas para todas as suas dúvidas. Pouco pergunta, esperando o conhecimento chegar acabado, numa posição de comodismo.

O processo educativo deve preocupar-se em ajudar o aluno a refletir, a aprender a pensar e desenvolver uma metodologia de ensino que leve ao encorajamento, para utilizar adequadamente sua criatividade e estabelecer relações entre os seus atos e as possíveis conseqüências dos mesmos.

O ato de ensinar a pensar sugere que o homem aprenda a tomar as suas decisões, fazer suas opções, estabelecer os seus compromissos e criar as suas responsabilidades. O ensino que promove novas experiências, novas atividades, talvez possa ser considerado o melhor ensino, pois a oportunidade de experimentar o novo faz o educando tomar decisões, planejar, observar, analisar, comparar, concluir, oportunizando pensar e recriar.

## **6 SUGESTÕES DE HISTÓRIAS E POEMAS PARA NARRATIVA**

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **O gato que pulava em sapato**. São Paulo: Ática, 1978. 32p.

\_\_\_\_\_. **A margarida friorenta.** São Paulo: Ática, 1981. 32p.

ANDERSEN, Hans Christian. O patinho feio. In: O MUNDO da criança. Rio de Janeiro: Delta, 1949. v.3, p. 213-226.

\_\_\_\_\_. O soldadinho de chumbo. In: O MUNDO da criança. Rio de Janeiro: Delta, 1949. v.3, p. 112-117.

CAPARELLI, Sérgio. **Boi da cara preta.** Porto Alegre: L&PM, 1983. 56p.

FAUNCE, Letta (adapt.) Garni e o sol. In: BACHA, Magdala Lisboa. **Surpresas e mais surpresas:** segundo livro. Rio de Janeiro: Agir, 1966. p.68-69.

FERREIRA, Manoela Buny. O gato felizardo. In: A CANÇÃO do pássaro azul. Porto Alegre: Movimento: IEL, 1978. p.29-31.

\_\_\_\_\_. O ninho na chaminé. In: A CANÇÃO do pássaro azul. Porto Alegre: Movimento: IEL, 1978. p.49-50.

\_\_\_\_\_. O pião fujão. In: A CANÇÃO do pássaro azul. Porto Alegre: Movimento: IEL, 1978. p.55-57.

\_\_\_\_\_. A sacola mágica. In: A CANÇÃO do pássaro azul. Porto Alegre: Movimento: IEL, 1978. p.58-59.

GRANDES contos. BRANCA de Neve. Rio de Janeiro: Cedibra, 1982. 8p.

GRIMM, Jakob; GRIMM, Wilhelm. Cinderela. In: O MUNDO da criança. Rio de Janeiro: Delta, 1949. v.3, p.177-185.

\_\_\_\_\_. João e Maria. In: O MUNDO da criança. Rio de Janeiro: Delta, 1949. v.3, p.186-198.

\_\_\_\_\_. O lobo e os sete cabritinhos. In: O MUNDO da criança. Rio de Janeiro: Delta, 1949. v.3, p.23-27.

\_\_\_\_\_. Os músicos de Bremen. In: O MUNDO da criança. Rio de Janeiro: Delta, 1949. v.3, p.43-47.

**Ensinar a pensar...** por I.M.Fda Silveira

GRIMM, Jakob; GRIMM, Wilhelm. Rapunzel. In: O MUNDO da criança. Rio de Janeiro: Delta, 1949. v.3, p.144-151.

\_\_\_\_\_. O sapateiro e os anõesinhos. In: O MUNDO da criança. Rio de Janeiro: Delta, 1949. v.3, p.48-51.

LIMA, Regina Drumond e. **O passarinho Rafa**. Porto Alegre: Subsecretaria de Cultura/SEC: Biblioteca Lucília Minssen, 1983. 29p.

A MARGARIDA branca. In: ETCHEBARNE, Dora P. Porto Alegre: Biblioteca Lucília Minssen, 1976. (Curso Narrativa de Histórias). Informação Verbal.

MEIRELLES, Cecília. A chácara do Chico Bolacha. In: \_\_\_\_\_. **Ou isto ou aquilo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.21.

MIRANDA, Helena. **Pedacinhos mágicos**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1969. 24p.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **A bonequinha preta**. Belo Horizonte: Lê, 1982. 28p.

PERRAULT, Charles. **A bela adormecida**. São Paulo: Cultrix, 1975. 28p.

\_\_\_\_\_. **O chapeuzinho vermelho**. Rio de Janeiro: Brasil-América, 1962. 11p.

PRADO, Maria Dinorah Luz do. O ratinho Cui-Cui vai à lua. In: PINTO verde e outras estórias. 2.ed. Porto Alegre: Bels, 1973. p.16-20.

QUINTANA, Mário. **Lili inventa o mundo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p.8: Conto de todas as cores.

ROCHA, Ruth. **O reizinho mandão**. São Paulo: Pioneira, 1978. 32p.

OS TRÊS porquinhos. In: O MUNDO da criança. Rio de Janeiro: Delta, 1949. v.3, p. 15-18.

VASSILISSA. **Óculos para Luzia**. trad. Lúcia Machado de Almeida. São Paulo: Ática, 1978. 24p.

ZIRALDO. **A bela borboleta**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

\_\_\_\_\_. **Flicts**. Rio de Janeiro: Primor, 1976.

\_\_\_\_\_. **O menino maluquinho**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ARAÚJO, Aloma B.N. SISBEC: Uma proposta pedagógica. **Boletim da ABDF: Nova Série**, Brasília, v.9, n.2, p.106-110, abr./jun. 1986.
- 2 BERMAN, Louise M. **Novas prioridades para o currículo**. Porto Alegre: Globo, 1976. 240p.
- 3 BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 366p.
- 4 CARRAHER, Terezinha Nunes (org.) **Aprender pensando**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 127p.
- 5 CARVALHO, Maria C. Procura-se um espaço para a leitura nas bibliotecas escolares. **Boletim da ABDF: Nova Série**, Brasília, v.9, n.2, p.111-115, abr./jun.1986.
- 6 CASASANTA, Tereza. **Criança e literatura**. 4.ed. Belo Horizonte: Vega, 1974. 136p.
- 7 COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. 4.ed. São Paulo: Quíron, 1987. 199p.
- 8 CRUTCHFIELD, Richard. As habilidades superiores de pensamento. In: **Habilidades da vida na escola e na sociedade**. Trad. Graciema Pacheco e Flávia Sant'Anna. Porto Alegre: UFRGS, 1976. (mimeo)
- 9 DEWEY, John. **Como pensamos**. São Paulo: Nacional, 1933. 274 p.

- 10 ETCHEBARNE, Dora Pastoriza. **El cuento en la literatura infantil**. Buenos Aires: Kapelusz, 1962. 232p.
- 11 KELLER, Fred. S. **Aprendizagem: teoria do reforço**. São Paulo: Herder, 1970. 96p.
- 12 LOUWVENFELD, Viktor. **Desarollo de la capacidad creadora**. Buenos Aires: Kapelusz, 1966. v.1.
- 13 MOSQUERA, Juan José Mouriño. O papel da imaginação e da criatividade na vida infantil. **Educação**, Porto Alegre, v.6/7, p.114-124, jan.1984.
- 14 PERROTTI, Edmir. "Boom" ou tentativa de legitimação. **Boletim Informativo Bibliográfico de Literatura Infantil**, São Paulo, v.5, p.9-11, set./dez.1985.
- 15 \_\_\_\_\_. Por uma nova literatura infantil. In: BIBLIOGRAFIA de Literatura Infantil em Língua Portuguesa. Suplemento 1984-85. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1986. p.8.
- 16 RATHS, Louis E. et al. **Ensinar a pensar**. São Paulo: Herder, 1972. 441p.
- 17 RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus, 1982. 159p.
- 18 RUSSEL, David H. **Children's thinking**. Walham, Mass.: Blaisdell Publishing, 1956.
- 19 SANDRONI, Laura Constancia. As ilustrações estimulam a leitura. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 jan. 1987. Literatura Infantil. p.5.
- 20 \_\_\_\_\_. Modernização de textos clássicos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 8 set. 1985. Literatura Infantil. p.5.
- 21 WERNECK, Regina Yolanda. A utilização do livro na pré-escola. **Boletim da ABDF: Nova Série**, Brasília, v.9, n.2, p.116-118, abr./jun. 1986.
- 22 YUSPA, Ilda Nelly. **La biblioteca escolar**. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires, 1968. 177p.